

Revista de Antropologia

SUMÁRIO

LUX VIDAL: O I Encontro Tupi — uma apresentação	1	ETIENNE SAMAIN: Reflexões críticas sobre o tratamento dos mitos..	233
EDUARDO B. V. DE CASTRO: Bi- bliografia etnológica básica tu- pi-guarani	7	ETIENNE SAMAIN: A vontade de ser: notas sobre os índios Urubu- Kaapor e sua mitologia	245
ROQUE DE BARROS LARAIA: Uma etno-história Tupi	25	ENI P. ORLANDI: Mito e discurso: observações ao pé da página..	263
ARYON D. RODRIGUES: Relações internas na família lingüística tupi-guarani	33	MIGUEL MENÉNDEZ: Contribuição ao estudo das relações tribais na área Tapajós-Madeira	271
EDUARDO B. V. DE CASTRO: Os deuses canibais	55	ANDRÉ A. DE TORAL: Os índios negros ou os Carijó de Goiás: a história dos Avá-Canoeiro..	287
REGINA A. POLO MÜLLER: Asurini do Xingu	91	EXPEDITO ARNAUD: O direito in- dígena e a ocupação territorial — o caso dos índios Tembé do alto Guamá (Pará)	327
LUCIA M. M. DE ANDRADE: Xa- manismo e cosmologia Asurini.	115	EDSON SOARES DINIZ: Os Teneteha- ra-Guajajara — convívio e con- taminação	343
ELIZABETH T. LINS: Música e xa- manismo entre os Kayabi do Parque do Xingu	127	BERTA G. RIBEIRO: Tecelãs tupi do Xingu	355
RAFAEL J. DE M. BASTOS: O “pa- yemeramaraka” Kamayurá — uma contribuição à etnografia do xamanismo do alto Xingu..	139	EDUARDO B. V. de CASTRO: Pro- posta para um II Encontro Tupi	403
DOMINIQUE GALLOIS: O pajé waiãpi e seus espelhos	179		
LUX VIDAL: Os Parakanã	197	COMUNICAÇÕES	409
BETTY MINDLIN: Os Surui da Ron- dônia: entre a floresta e a colheita	203	NOTICIÁRIO	439
CARMEN JUNQUEIRA: Os Cinta Lar- ga	213	IN MEMORIAM	445
		BIBLIOGRAFIA	453

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: — Prof. Dr. Antonio Hélio Guerra Vieira

Vice-Reitor: — Prof. Dr. Antônio Guimarães Ferri

Secretário Geral: — Dr. José Geraldo Soares de Mello

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: — Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira

Vice-Diretor: — Prof. Dr. João Paulo Gomes Monteiro

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Chefe: Profa. Dra. Aparecida Joly Gouveia

Publicação do Departamento de Ciências Sociais (área de Antropologia) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Fundada por Egon Schaden, em 1953.

Publicação anual.

Diretor: João Baptista Borges Pereira

Conselho Editorial: Hinaldo Beiker, Lux Vidal, Liana S. Trindade, Renate Brigitte Viertler, Amadeu D. Lanna e Eunice Ribeiro Durham

Secretário: Renato da Silva Queiroz.

Os autores são responsáveis pelo conteúdo de seus trabalhos.

De cada artigo se tiram 80 separatas.

Revista de Antropologia

Publicação do Departamento de Ciências Sociais (Área de Antropologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas — Universidade de São Paulo.

Volumes 27/28



SÃO PAULO
1984/85

ISSN 0034-7701

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Fundada por Egon Schaden, em 1953.

Publicação anual.

Diretor: João Baptista Borges Pereira

Conselho Editorial: Hunaldo Beiker, Lux Vidal, Liana S. Trindade, Renate Brigitte Viertler, Amadeu D. Lanna, Eunice Ribeiro Durham, José Guilherme C. Mangnani e M. Manuela L. Carneiro da Cunha.

Secretário: Renato da Silva Querioz.

Os autores são responsáveis pelo conteúdo de seus trabalhos.

De cada artigo se tiram 80 separatas.

ÍNDICE

LUX VIDAL: O I Encontro Tupi — uma apresentação	1
EDUARDO B. V. DE CASTRO: Bibliografia etnológica básica tupi-guarani	7
ROQUE DE BARROS LARAIA: Uma etno-história tupi	25
ARYON D. RODRIGUES: Relações internas na família lingüística tupi-guarani	33
EDUARDO B. V. DE CASTRO: Os deuses canibais <i>Araweté</i>	55
REGINA A. POLO MÜLLER: Asurini do Xingu	91
LUCIA M. M. DE ANDRADE: Xamanismo e cosmologia Asurini.	115
ELIZABETH T. LINS: Música e xamanismo entre os Kayabi do Parque do Xingu	127
RAFAEL J. DE M. BASTOS: O “payemeramaraka” Kamayurá — uma contribuição à etnografia do xamanismo do alto Xingu	139
DOMINIQUE GALLOIS: O pajé waiãpi e seus espelhos	179
LUX VIDAL: Os parakanã	197
BETTY MINDLIN: Os Surui da Rondônia: entre a floresta e a colheita	203
CARMEN JUNQUEIRA: Os Cinta Larga	213
ETIENNE SAMAIN: Reflexões críticas sobre o tratamento dos mitos	233
ETIENNE SAMAIN: A vontade de ser: notas sobre os índios Urubu-Kaapor e sua mitologia	245
ENI P. ORLANDI: Mito e discurso: observações ao pé da página..	263
MIGUEL MENÉNDEZ: Contribuição ao estudo das relações tribais na área Tapajós-Madeira	271
ANDRÉ A. DE TORAL: Os índios negros ou os Carijó de Goiás: a história dos Avá-Canoeiro	287
EXPEDITO ARNAUD: O direito indígena e a ocupação territorial — o caso dos índios Tembé do alto Guamá (Pará)	327
EDSON SOARES DINIZ: Os Tenetehara-Guajajara — convívio e contaminação	343

BERTA G. RIBEIRO: Tecelãs tupi do Xingu	355
EDUARDO B. V. de CASTRO: Proposta para um II Encontro Tupi	403

COMUNICAÇÕES

Aspectos da pintura na cultura indígena — Lux Vidal	409
Asurini do Xingu: arte gráfica — Regina A. Polo Müller	415
Parecer da Associação Brasileira de Antropologia sobre sua participação no convênio 059/82 — Gilberto Velho e Yonne de Freitas Leite	425
O 30º aniversário da Revista de Antropologia — Julio Cesar Melati	437

NOTICIÁRIO

Atividades do Museu "Plínio Ayrosa" (D.G.)	439
XIV Reunião Brasileira de Antropologia (J.B.B.P.)	441

IN MEMORIAM

Nil do Macuco (...-1983) — Greg Urban	445
Hiroshi Saito (1919-1983) — Oracy Nogueira	447
Vicente Unzer de Almeida (1916-1984) — Oracy Nogueira	451

BIBLIOGRAFIA

ANTÔNIO CÂNDIDO E OUTROS (Organizadores): <i>Eurípedes Simões de Paula. In Memoriam</i> (Oracy Nogueira)	453
BENTE DAM-MIKKELSEN e TORBEN LUNDBAEK: <i>Etnografiske gjenstande i Det kongelige danske kunstkammer 1650-1800</i> (Tekla Hartmann)	456
MICHAEL COLE e SYLVIA SCRIBNER: <i>Culture and Thought — a psychological introduction</i> (Sylvia Caiuby Novaes)	457
HELMUT SCHINDLER: <i>Die Reiterstämme des Gran Chaco</i> (Thekla Hartmann)	466

REVISTA DE ANTROPOLOGIA

Vols. 27/28

1984/85

ARTIGOS

O I ENCONTRO TUPI: UMA APRESENTAÇÃO

Lux Vidal

(Depto. de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo)

"L'esprit va ainsi de la diversité empirique à la simplicité conceptuelle, puis de la simplicité conceptuelle à la synthèse signifiante"

Lévi-Strauss (*La Pensée Sauvage*)

Durante a XIII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, realizada em abril de 1982, na USP, certo número de pesquisadores participou de um grupo de trabalho sobre "Os Tupi Atuais". No final da Reunião, devido ao interesse suscitado pelas apresentações e discussões, todos concordaram em organizar o "1º Encontro Tupi", que se realizaria ainda naquele ano, de 3 a 5 de novembro, na PUC/SP, com a participação de mais de trinta antropólogos e lingüistas de várias instituições do País, e com a presença do Professor Charles Wagley, da Universidade da Flórida e do Pe. Bartolomeu Meliá. O Encontro foi financiado com auxílio concedido pelo CNPq.

Os artigos reunidos neste volume foram apresentados durante o Encontro. Em sua maioria, são fruto de pesquisas em andamento. Esta publicação traduz o reconhecimento de um interesse *renovado* em estudar aspectos específicos das culturas Tupi, e existem várias orientações, com pesquisas de campo prolongadas, realizadas particularmente mas não

obrigatoriamente, entre aqueles grupos recentemente pacificados e com pouco temos de contato: os Parakanã, do médio Tocantins; os Asuriní e Araweté, do baixo Xingú; os Guajá, do Maranhão; Avá-Canoeiro, de Goiás e os Surui e Cinta-Larga, de Rondônia. Os outros grupos são mais conhecidos pela sua inserção num contexto geográfico e sócio-cultural mais amplo, como os Kamayurá e Kayabi, do alto Xingu e os Waiãpi, que habitam uma área de influência Carib. Finalmente, um certo número de trabalhos referem-se a grupos para os quais existem monografias, hoje clássicas, produzidas na década de 40/50, dentro de um contexto histórico e teórico específico.

*

* *

A bibliografia Tupi-Guarani clássica confunde-se com a própria história do Brasil, desde a época da Conquista. E, sem dúvida, a língua e a cultura desses povos são as únicas manifestações indígenas que, pelo menos reconhecidamente, teriam contribuído para a formação da civilização brasileira. Para muitos, a palavra "Tupi" possui uma autêntica referência ao passado, algo mais ligado à História e à Literatura do que à Antropologia moderna. Daí o aparente paradoxo de uma retomada dos estudos Tupi.

Não é exagerado afirmar que a Antropologia contemporânea sobre as sociedades indígenas no Brasil tem-se concentrado nas últimas décadas sobre os grupos Macro-Jê, pelo número de publicações, pela continuidade das pesquisas e pela sistematização dos resultados a nível comparativo e teórico. Isto em nada subestima as contribuições monográficas e teóricas sobre outros grupos. É uma reflexão sobre o conjunto da produção etnológica contemporânea sobre as sociedades das terras baixas da América do Sul, que suscitou a realização do Seminário *Time and Space in lowland South America* durante o Congresso do Centenário dos Americanistas, realizado em Paris em 1976, quando foram discutidas questões referentes às categorias de identificação social e aos processos da reprodução social próprios a essas sociedades, assim como ao instrumental teórico-metodológico mais adequado para uma interpretação significativa e sistemática dessas sociedades.

Um segundo marco importante foi a realização do Simpósio "A Pesquisa Etnológica no Brasil", em junho de 1978, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, sobre a "Construção da Noção de Pessoa". Este conceito, que coloca a hipótese de que o "idioma da pessoa" pode ser central para a compreensão de determinadas sociedades, revelar-se-ia de grande valor explicativo no estudo das sociedades indígenas do Brasil.

Qual o etnólogo que, ao reler os clássicos sobre as sociedades Tupi-nambá, não se ressentir da curiosidade nunca satisfeita em entender quais as premissas lógicas e os dispositivos psicológicos subjacentes a instituições como a antropofagia, a guerra e o ritual do sacrifício do inimigo? O que explicaria a hiper-religiosidade dos Guarani? Que continuidade de pensamento, segundo Eduardo Viveiros de Castro, poderia existir entre o canibalismo de fato, as marchas malogradas em busca de um paraíso que se pode atingir andando e dançando e o voltar-se para o além para a plena realização de um “ser Tupi” ideal? E, finalmente, o que levaria essas sociedades a estabelecer fronteiras tão tênues entre o “ser” e o “fazer”?

Faltava sem dúvida, para poder responder a estas perguntas a possibilidade de pesquisas de campo rigorosas. Neste sentido, o aparecimento paradoxal e frágil, em pleno último quartel do século XX, de vários grupos Tupi, até há pouco desconhecidos, pode ser considerado um evento de comprovado valor científico.

Quando em 1980, após vários anos de vivência com os Kayapó-Xikrin (Jê), visitei rapidamente, pela primeira vez, quatro grupos Tupi do médio Tocantins, onde surpreendeu-me o fato de estar entre índios, recentemente pacificados, mas cujo idioma possuía muitos vocábulos que fazem parte da língua brasileira, veio-me uma sensação de exotismo caseiro. E ainda, ouvir o relato de mitos, idênticos àqueles registrados na bibliografia mais antiga, dava-me a impressão de encontrar-me entre “índios históricos”. Foi o impacto, quase que a nível existencial, de descobrir uma continuidade entre o passado e o presente, de modo concreto e ancorado. *Locus* imaginário da identidade? Sentimento, com certeza, que os Jê não poderiam provocar por serem eles estranhos (Tapuias) à bibliografia clássica, a história e a língua do Brasil. E porque os Jê fizeram a sua entrada na cena nacional em pleno século XX, de modo rápido e espetacular pela mediação de teorias antropológicas de grande eficácia interpretativa, conferindo à categoria índio um novo *status*, o de “Presente-Diferente”. Os Jê são o paradigma, ainda que imaginário, de um contraste estrutural irreduzível. Os Tupi-Guarani, relegados às suas divagações transcendentais ficariam as vítimas das transformações históricas e das teorias da deculturação. As pesquisas recentes, porém, tendem a modificar esta visão.

A segunda surpresa, durante a minha viagem, foi constatar que os Tupi do médio Tocantins apresentavam uma configuração cultural (se me permitem esta reificação demasiadamente direta de uma mera abstração) totalmente diversa da dos Kayapó (Jê), que viviam, porém, na mesma região. Sem dúvida, a experiência do contraste cultural ra-

dical, naquele momento, e possivelmente por tudo que acabo de mencionar, levou-me à absoluta certeza de que abrir-se-iam perspectivas para um “novo conhecimento”.

Os artigos aqui publicados representam apenas uma parte das pesquisas realizadas entre os Tupi atuais e podem ser considerados como uma primeira tentativa de reunir e confrontar as informações existentes, assim como apontar a diversidade dos temas focalizados, segundo os interesses específicos de cada pesquisador. Sendo assim, por enquanto, não existe entre os diferentes trabalhos nenhuma homogeneidade temática pré-estabelecida. O que há de comum, é que todas tratam de sociedades que, apesar de sua grande dispersão geográfica, possuem uma aparente (ou real?) afinidade: pertencem ao tronco lingüístico Tupi.

O que significa ser Tupi é uma questão em aberto.

*

* *

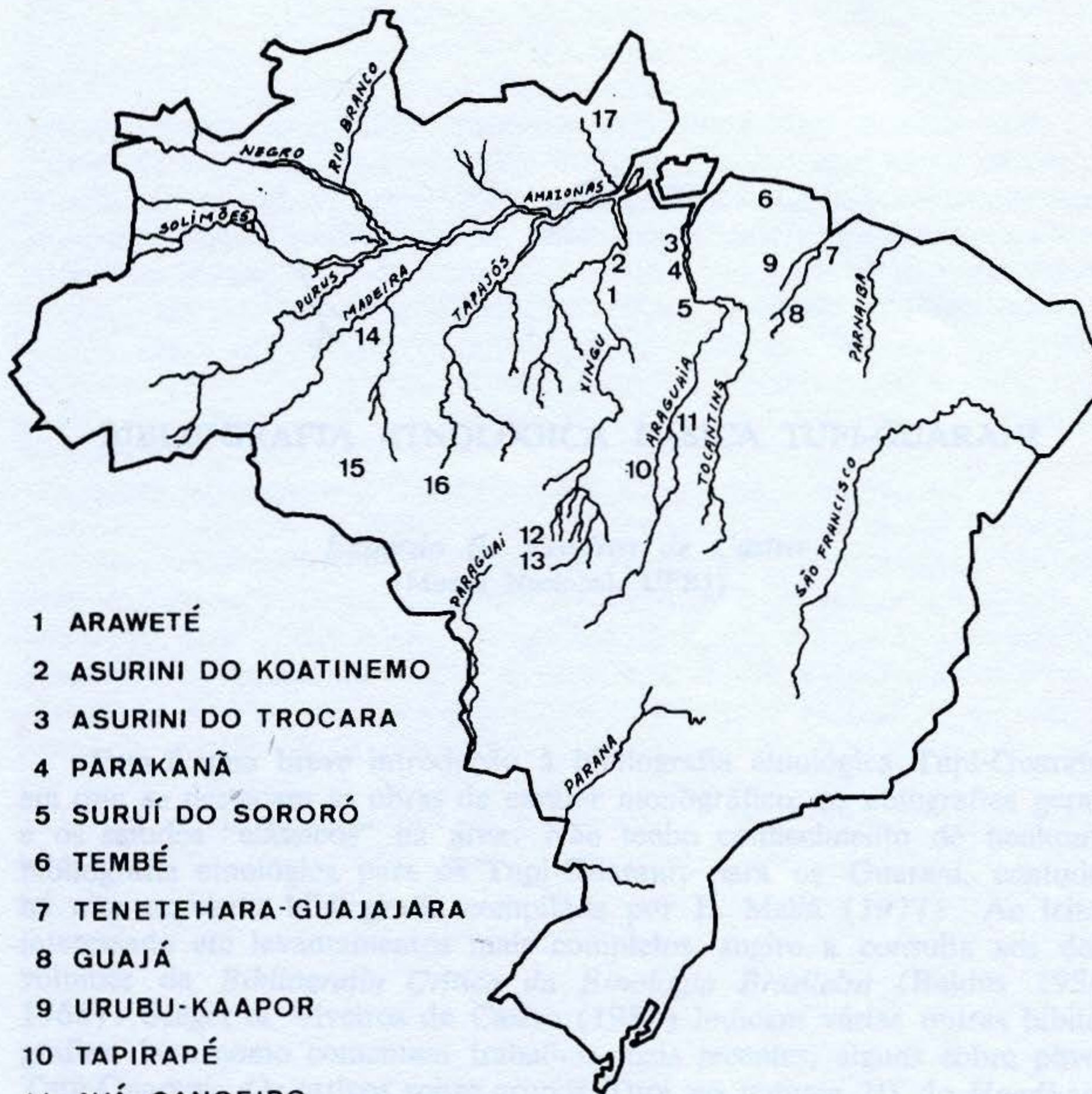
O Grupo de Trabalho sobre os “Tupi Atuais” e o “I Encontro Tupi” foram coordenados respectivamente pelo Professor Roque de Laraia, da UNB e Lux Vidal, da USP. Quatro participantes apresentaram comunicações sem porém redigir um trabalho final para este volume¹.

Encerrando a série de artigos, e dando continuidade ao esforço de confrontar os resultados das pesquisas, publicamos a proposta de trabalho elaborada pelo Professor Eduardo Viveiros de Castro, do Museu Nacional, que coordenou o “2º Encontro Tupi”, realizado durante a XIV da ABA, em Brasília, entre 15 e 19 de abril de 1984.

NOTAS

(1) — Prof. Charles Wagley, (Uma Retrospectiva dos Estudos Tupi da Década de 50/60). Mércio Gomes, UNICAMP (Os Guajajara e Guajá do Maranhão). Antônio Carlos Magalhães, Museu Goeldi (Cultura Material Parakanã); Virgínia Valadão, UNICAMP (Grupos Domésticos e Chefia Feminina entre os Tembé).

GRUPOS CITADOS NO TEXTO



- 1 ARAWETÉ
- 2 ASURINI DO KOATINEMO
- 3 ASURINI DO TROCARA
- 4 PARAKANÃ
- 5 SURUÍ DO SORORÓ
- 6 TEMBÉ
- 7 TENETEHARA-GUAJAJARA
- 8 GUAJÁ
- 9 URUBU-KAAPOR
- 10 TAPIRAPÉ
- 11 AVÁ CANOEIRO
- 12 KAMAYURÁ
- 13 KAYABI
- 14 TUPÍ DO TAPAJÓS-MADEIRA
- 15 SURUÍ DE RONDÔNIA
- 16 CINTA LARGA
- 17 WAIÃPI

Kawahib

Mapa elaborado por Richard Gallois.

